



GUERRA EM GAZA / Após a localização de seis corpos de reféns, em túneis, que estavam em poder do Hamas, manifestações dominaram várias cidades israelenses com pedido de trégua. Apesar da pressão, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu resiste

Onda de protestos toma conta de Israel

Às vésperas de completar um ano da guerra na Faixa de Gaza, manifestações espontâneas se espalharam por Israel. Cidades, como Tel Aviv, Ra'anana, Rehovot e Be'er Sheva foram tomadas por protestos e bloqueios de estradas, após a convocação da principal da Histadrut — central sindical de Israel — confirmar greve geral a partir de hoje. É uma reação ao anúncio do governo de Benjamin Netanyahu da localização de mais seis reféns encontrados mortos.

Os manifestantes querem um acordo imediato para garantir a libertação dos reféns restantes. O líder da oposição israelense, Yair Lapid, e as famílias dos reféns também fizeram um apelo pela paralisação das ações militares. Mas Netanyahu, que está sob pressão, é contrário a qualquer tipo de negociação ou trégua. "Aqueles que matam reféns não querem um acordo", afirmou o primeiro-ministro em comunicado. "Vamos persegui-los, vamos pegá-los e vamos acertar contas."

De acordo com as autoridades israelenses, os restos mortais dos reféns foram encontrados anteaitem em um túnel subterrâneo na zona de Rafah, no sul do território palestino. O Ministério da Saúde de Israel informou que os resultados das autópsias indicam que os reféns morreram devido a ferimentos à bala a uma curta distância entre quinta e sexta-feira.

Segundo o Hamas, os reféns foram mortos por "disparos e bombardeios israelenses". Entre as vítimas estava o cidadão israelense-americano Hersh Goldberg-Polin, de 23 anos. Os outros cinco reféns também foram identificados: Carmel Gat, Eden Yerushalmi, Alexander Lobanov, Almog Sarusi e o sargento Ori Danino. Durante o enterro do filho Almog, Nira fez um desabafo: "Basta, chega disso. Pagamos o preço mais alto. Espero que sejamos os últimos. A partir de agora, só um acordo para trazer de volta os reféns". Almog foi um dos primeiros corpos localizados.

Vacinação

Desde a última ofensiva de Israel com bombardeios e incursões de blindados em Jenin, Nablus, Tubas, Tulkarem, o

Fotos: Oren Ziv/AFP



Manifestantes ocupam ruas e estradas para exigir cessar-fogo e fazer duras críticas ao governo, querem a libertação dos reféns



Com cartazes e faixas, as pessoas falam em "fascismo"



Com os protestos, uma importante rodovia foi fechada



Forças de segurança intervêm nos protestos aumentando a tensão



Policiais armados foram para as ruas, acirrando o clima



Basta, chega disso. Pagamos o preço mais alto. Espero que sejamos os últimos. A partir de agora, só um acordo para trazer de volta os reféns"

Nira, mãe de Almog, refém morto

Ministério da Saúde da Autoridade Palestina diz que 24 palestinos foram mortos. Já do lado israelense, informam três vítimas fatais. O único momento sem ataques, numa pausa humanitária, foi para atender a um pedido da Organização Mundial de Saúde (OMS) para vacinação infantil contra poliomielite.

Por três dias, a OMS planeja vacinar 640 mil crianças com menos de 10 anos na região. Basma al Bach, uma mãe palestina que andou muito para garantir vacina para os filhos, contou neste domingo que estava "muito feliz". "É absolutamente necessário que sejam vacinados", afirmou à AFP Ghadir Haji, enquanto a família aguardava na fila de vacinação na clínica do campo de refugiados de Al Zawayda. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, estimou, por sua vez, que, para as crianças de Gaza, "a melhor vacina [...] é a paz".

Em meio à campanha de vacinação, houve ontem na Cidade de Gaza, um bombardeio israelense contra um grupo de policiais em uma escola que abriga deslocados palestinos, deixando pelo menos 11 mortos. A guerra em Gaza atingiu 2,4 milhões de palestinos, causando uma situação humanitária catastrófica.

A guerra em Gaza eclodiu em dia 7 de outubro de 2023. Há 11 meses, integrantes do Hamas atacaram o sul de Israel, o que provocou 1.205 mortos, a maioria civis, segundo a AFP. Em resposta, Israel prometeu destruir o Hamas e lançou uma vasta ofensiva de retaliação que deixou 40.738 mortos em Gaza, segundo o Ministério da Saúde do território.

AFEGANISTÃO

Talibã corta voz das mulheres

O governo Talibã, no Afeganistão, baixou 35 novas normas que reduzem ainda mais os direitos das mulheres. A partir de agora, elas não podem falar em público, suas vozes estão vetadas fora de casa, proibindo que participem de recitais e apresentações, e as escolas não receberão meninas acima dos 12 anos. As ordens partiram do Ministério da Moralidade cujo nome oficial é Ministério para a Propagação da Virtude e Prevenção do Vício.

As novas regras foram ratificadas pelo líder supremo do país, Haibatullah Akhundzada. As normas atingem a população de pouco mais de 41 milhões, mas sobretudo as, 22 milhões de mulheres. As medidas ocorrem no momento

em que o Talibã comemora o terceiro aniversário de retorno ao poder. Desde então, aplicou a lei islâmica de forma ultrarrigorosa e restringiu severamente a liberdade das mulheres.

Diante das medidas, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, lamentou a decisão e viu com "preocupação" a adoção das novas normas. Mas garantiu que a ONU seguirá colaborando com o Afeganistão. "(A ONU) continuará cooperando com todas as partes interessadas no Afeganistão, incluindo (o governo Talibã)", disse ele, que apelou ao governo "para abrir mais caminhos para a cooperação diplomática".

O governo Talibã, por sua vez,

Atif Aryan/AFP



Elas estão vetadas a falar em público, inclusive, em recitais

reagiu, informando que seguirá em interação com a ONU. "Acreditamos na importância e eficácia das interações (...), a única forma (...) de encontrar soluções para os problemas", disse, no sábado, o vice-porta-voz do governo, Hamdullah Fitrat. "O Emirado Islâmico é a

favor de interações positivas com países e organizações internacionais, de acordo com a sharia (lei islâmica)", acrescentou.

Nos dias que antecederam o anúncio das novas regras, dezenas de mulheres afegãs participaram de um movimento de protestos na

Wakil Kohsar/AFP



As meninas só poderão ir para a escola até os 12 anos

internet com vídeos nos quais aparecem cantando e mostram apenas parte do rosto", disse uma das ativistas. Os argumentos do Talibã são que as medidas adotadas pretendem "promover a virtude e prevenir o vício", afirmando que está alinhada à sharia, a lei islâmica.

No Afeganistão, mulheres e homens não podem olhar para pessoas do sexo oposto que não sejam familiares próximos. Motoristas de táxi não podem transportar mulheres que viajam sem um "mahram", um acompanhante que deve ser um parente do sexo masculino.